

BUSCAR AS OPÇÕES AGROFLORESTAIS PARA UM ESTABELECIMENTO AGRÍCOLA

Metodologia: diagnóstico e desenho agroflorestal participativo

0: Introdução Geral

Johannes van Leeuwen, Núcleo Agroflorestal, INPA, Manaus, 23/07/2021

Introdução	1
O crescente interesse para o papel ecológico de árvores na agricultura	2
Um plantio agroflorestal deve pertencer a uma família	2
Uma proposta agroflorestal varia com as características da propriedade	3
As decisões sobre o plantio devem ser tomadas pelo agricultor	3
O técnico agroflorestal e o produtor	4
O técnico agroflorestal precisa entender a realidade da família agrícola	4
Não criar expectativas falsas	4
Observações metodológicas	5
Como se comportar numa propriedade	5
A entrevista semiestruturada	5
Questionário / formulário / anotações	6
Agradecimentos	6
Literatura	7

Introdução

Este texto apresenta uma metodologia em cinco passos para encontrar opções agroflorestais para um estabelecimento agrícola de um “pequeno” produtor, como um ribeirinho, um assentado ou um morador de uma reserva. Passo 1 trata da caracterização do estabelecimento agrícola e sua família. Passo 2 trata em detalhe do uso da terra deste estabelecimento. Passo 3 levanta o interesse dessa família no plantio de árvores. Passo 4 encontra as opções agroflorestais relevantes para este caso. Passo 5 elabora a proposta agroflorestal em detalhes. Os passos 1 e 2 podem também servir para outros estudos da agricultura familiar e como fase inicial da introdução de tecnologias e inovações diferentes.

O plantio de árvores é fácil, mas resulta, a médio e longo prazo, em grandes mudanças no estabelecimento agrícola. A escolha de espécies e dos espaçamentos, decididos na fase de instalação, podem ter consequências por décadas. Portanto, é necessário planejar o plantio agroflorestal cuidadosamente. Para isso, foi elaborado o

método do “Diagnóstico e Desenho (Delineamento) Agroflorestal Participativo”, que ajuda a encontrar opções para o plantio de árvores num estabelecimento específico.

A metodologia foi desenvolvida trabalhando principalmente com agricultores tipo caboclo de terra firme dos estados do Amazonas e Rondônia (van Leeuwen et al. 1994; Mota, 1997). Para seu uso num local diferente, o material precisa ser adaptado. Junto com isso, deve-se adequar a lista dos termos usados pelos “pequenos” agricultores com seu significado correspondente (van Leeuwen et al., 1998). Eles podem usar termos que desconhecemos ou que, para nós, têm um sentido bem diferente.

No trabalho do Núcleo Agroflorestal, com os agricultores, termos como ‘agroflorestal’ e ‘SAF’ (Sistema AgroFlorestal) praticamente não foram usados. O conceito agroflorestal não é novo para os agricultores tipo caboclo e não faz sentido complicar a colaboração com eles com a introdução de um vocabulário diferente. Não visitamos eles para poder ensinar nossos termos técnicos, mas para entender a realidade deles.

O crescente interesse para o papel ecológico de árvores na agricultura

A preocupação com as mudanças climáticas, mantém a opção agroflorestal na agenda nacional e internacional, ‘garantindo’ recursos para a promoção agroflorestal. A presença de mais árvores pode tornar a agricultura mais sustentável. Árvores mantêm ou melhoram a fertilidade do solo, aumentam sua capacidade de armazenar água, ajudam a controlar a erosão, todos esses efeitos são de interesse direto para o agricultor. Árvores também promovem a biodiversidade, o que em certos casos pode resultar numa maior diversidade de predadores, facilitando o controle de doenças e pragas. Além disso, árvores fixam carbono mitigando o efeito estufa, um serviço ambiental que combate um problema mundial.

Um plantio agroflorestal deve pertencer a uma família

Um plantio agroflorestal deve sempre ter como responsável um/uma agricultor/a e não uma coletividade (associação, comunidade). O trabalho do “pequeno” agricultor, com a família, é mais eficiente e flexível, porque liga diretamente a observação, a gestão e a execução, enquanto eventuais diferenças se resolvem “em família” sem causar grandes conflitos. Plantios coletivos não devem ser promovidos, nem mesmo em Territórios Indígenas.

Uma proposta agroflorestal varia com as características da propriedade

O interesse de uma proposta agroflorestal depende da contribuição à produção e à sustentabilidade do estabelecimento. Um SAF só pode ser bem-sucedido quando se encaixa na realidade de certa propriedade agrícola (infelizmente, muitos ainda não aprenderam esta lição). Na experiência do Núcleo Agroflorestal do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), costuma haver grandes diferenças entre as famílias de agricultores de uma mesma comunidade, o que leva a diferentes escolhas agroflorestais (Mota 1997). Isso foi observado também numa comunidade de ribeirinhos da Amazônia peruana (Coomes e Burt, 1997).

Em muitos projetos, os agricultores de uma comunidade “recebem” o mesmo "kit". Essa prática sugere que a capacidade de absorver algo é igual entre as diferentes famílias da comunidade. Infelizmente, a capacidade de plantar uma área com árvores varia com a família. Poucos caboclos da Amazônia têm condições de cuidar de uma área de um hectare, para a maioria a área deve ser menor, porquanto existem também os sem condições de assumir algo novo. As famílias de uma mesma comunidade diferem em tamanho, composição, idades, nível econômico (superfície de terra, posses, fontes de renda), nível educacional, interesses, desejos, planos e problemas. Também podem diferir em região d’origem e experiências (atividades anteriores). É importante conhecer essas diferenças, dado que a intervenção agroflorestal pode variar em função delas.

As decisões sobre o plantio devem ser tomadas pelo agricultor

A metodologia apresentada aqui deixa as decisões finais com o agricultor. A participação da família como agente autônomo no processo de planejamento agroflorestal é fundamental. Há três razões para isso: a extrema complexidade da pequena propriedade, a longa duração de um plantio agroflorestal e o fato de que a família deve assumir o plantio como algo deles.

Ser “pequeno” agricultor não é um trabalho como o do assalariado (de oito da manhã às cinco de tarde, cinco dias da semana), mas uma forma de viver. A família mora, literalmente, no serviço. Em valor econômico, o empreendimento é bem limitado, mas sua complexidade é grande. Combinam-se diversas atividades agrícolas (roça, pomar, criações, horta), formas de extrativismo (pesca, caça, obtenção de material de construção, lenha, frutos, remédios), comercialização, atividades diversas (vigilância, construção, concerto) e “bicos” que podem aparecer de repente e render um dinheirinho bem-vindo.

Certa atividade não ocorre no momento mais adequado, mas quando a mão-de-obra, de que a família dispõe neste momento, já terminou as tarefas mais prioritárias.

Cultivar árvores é uma atividade de longo prazo, a qual exige que a família esteja bem à vontade com a proposta. Sem isso, a proposta agroflorestal é vista como algo que compete ao técnico, inibindo a família de tomar decisões a respeito do plantio.

O técnico agroflorestal e o produtor

O técnico agroflorestal precisa entender a realidade da família agrícola

O técnico agroflorestal deve entender a realidade da família agrícola, seu estabelecimento e saber de outras possíveis fontes de renda. Deve conhecer as experiências desta família (inclusive as do local de origem familiar, que podem ser diferentes), saberes, lógica, prioridades, preocupações e desejos. Isso para facilitar o diálogo e ter um ambiente em que a família se sinta à vontade para compartilhar suas experiências, questionar a proposta e considerar alternativas. Essa relação de confiança é necessária para poder entender melhor o porquê de uma família querer certa proposta (há os que querem “pagar para ver”, pensando que sempre sobrar algo de interesse). Há um outro complicador: o técnico, querendo ou não, representa as autoridades e autoridades não se questionam, mas se obedecem. Ainda mais considerando que críticas e questionamentos possam ser entendidos como ofensas. Além disso, muitos técnicos e pesquisadores não foram treinados no diálogo com o pequeno agricultor.

Não criar expectativas falsas

Nas visitas aos agricultores, deve ficar muito claro que estar disposto a atender os técnicos agroflorestais não garante, que mais tarde vão receber mudas e apoio técnico. No quadro da metodologia, as visitas aos agricultores costumam ocorrer nos seguintes casos.

1. O trabalho é parte de um treinamento, curso ou estudo científico (tese, projeto). Nesses casos trata-se unicamente de exercícios e levantamento de dados, sem nenhuma garantia de seguimento.
2. O trabalho busca dados para subsidiar a preparação de políticas e planos de desenvolvimento.
3. O trabalho é feito por um projeto que vai promover sistemas agroflorestais. Mesmo neste caso, não há a certeza de que todos os que deram informações vão receber mudas ou outras formas de apoio.

Observações metodológicas

Como se comportar numa propriedade

Alguns estudantes sendo treinados neste método, foram logo adentrando a propriedade e apanharam frutos, se comportando como se fosse um sítio de familiares. Essa atitude é absolutamente errada. Deve-se esperar na entrada do estabelecimento até alguém aparecer. Não se pegam frutos ou outros produtos sem que sejam oferecidos espontaneamente. Tampouco pode-se aceitar ofertas grandes do produtor sem dar uma compensação equivalente. Não se deve fazer comércio com os produtores, seja com seus produtos, seja com sua propriedade (ambos casos ocorreram). A relação comercial não é compatível com um trabalho em que produtor e especialista (pesquisador, técnico, estudante) participam como iguais numa relação de confiança mútua (van Leeuwen et al., 2013). Como diz o ditado popular: “amigos, amigos, negócios a parte.”

A entrevista semiestruturada

A metodologia para as conversas com os produtores é a da entrevista semiestruturada. Para outros assuntos (os assuntos centrais do diagnóstico) trabalha-se com perguntas abertas para conhecer melhor o agricultor. Isso permite que os conhecimentos, experiências e preocupações dos entrevistados se tornem conhecidos. É possível que as ideias dos técnicos se mostrem de menor interesse e que surjam aspectos não previstos. (Alguns dados são obtidos por meio de uma pergunta direta, como a superfície da propriedade, tamanho da família etc.). As entrevistas devem seguir as seguintes regras:

- Ter cuidado de não induzir as respostas.
- Procurar averiguar se o que dizem corresponde com sua atuação. O que dizem, não é necessariamente o mesmo que fazem. Eles também assistem à televisão e conhecem o discurso ecológico. Quando esperam que certas vantagens possam aparecer com o prosseguimento da visita, podem ser motivados a dar o tipo de respostas que supõem que se quer ouvir.
- Uma visita/entrevista não deve demorar mais que uma hora e meia, para não se tornar cansativa e inoportuna. A visita pode demorar mais, apenas, quando o agricultor se mostrar extremamente disposto a atender os visitantes. Assim, para obter toda a informação várias visitas ao mesmo estabelecimento são normalmente necessárias.
- Depois de cada visita deve-se preparar um relatório e fazer um plano para a visita seguinte.

- O produtor convida frequentemente a entrar em sua casa. Se possível não aceitar o convite. Se aceitar, depois, pedir para sair da casa para conhecer melhor a atividade agrícola. É errado fazer grande parte das entrevistas dentro da casa.
- Antes de começar a fazer anotações, é bom se justificar explicando que é muita coisa para memorizar.
- Não fazer fotos, sem ter pedido e obtido a autorização.
- Nunca gravar conversas.
- Controlar a curiosidade. Visitando uma pequena propriedade observam-se sempre muitas coisas novas e interessantes. Não é proibido fazer uma pequena pergunta fora do roteiro, mas é fundamental não perder de vista o objetivo da visita.

Questionário / formulário / anotações

- Escrever de forma legível.
- Se a informação for muita, usar o verso do formulário/questionário.
- Anotar também informações adicionais que não dizem diretamente respeito às perguntas, mas podem ajudar a atingir o objetivo.
- Fazer a revisão e correção de suas anotações assim que for possível (na mesma noite ou na manhã seguinte). Melhorar as partes que ficaram pouco legíveis e juntar eventuais observações para esclarecer o conteúdo. Depois disso, o documento deve poder ser compreensível para outras pessoas, mesmo se for consultado depois de muito tempo.
- Contradições nas respostas ou partes incompletas podem ficar evidentes durante a revisão. Anotar isso e juntar uma eventual explicação. As contradições podem ser um assunto para uma próxima visita.
- Muitas pessoas querem copiar as respostas ao questionário em um modelo limpo, como se fosse um trabalho de escola. Isso não é recomendado. Copiar induz a novos erros e leva muito tempo.

Agradecimentos

A metodologia foi inspirada em diversos textos do Centro Agroflorestal Mundial (<https://worldagroforestry.org/>) e mais especialmente do manual de Raintree (1987) e foi desenvolvida desde 1991 graças a participação dos colegas e bolsistas do Núcleo Agroflorestal, estudantes, outros participantes de treinamentos e um número muito grande de agricultores e suas famílias.

Literatura

- Coomes, O.T.; Burt, G.J. 1997. Indigenous market-oriented agroforestry: dissecting local diversity in western Amazonia. *Agroforestry Systems* 37: 27-44.
- Mota, M.S.S. 1997. Desenvolvimento inicial de espécies arbóreas em sistemas agroflorestais no município de Manacapuru (AM). Manaus: INPA, tese de mestrado, 91 p.
- Raintree, J.B. 1987. D&D user's manual, an introduction to agroforestry diagnosis and design. ICRAF, Nairobi, 110 pp.
- van Leeuwen, J. 1998. A dimensão agroecológica da promoção da agricultura sustentável no Nordeste do Brasil: aspetos técnicos. In: Armani D. (org.) *Agricultura e pobreza: construindo os elos da sustentabilidade no Nordeste do Brasil*. Porto Alegre: Tome Editorial, p. 69-124. (Mais em especial: Gerar e testar propostas em prol da sustentabilidade p. 98-119.)
- van Leeuwen J.; Pereira, M.M.; Costa, F.C.T.; Catique F.A. 1994. Transforming shifting cultivation fields into productive forests. I Congresso Brasileiro sobre Sistemas Agroflorestais, Porto Velho. Anais, Colombo, PR: EMBRAPA-CNPQ, v.2: 431-438.
- van Leeuwen, J.; Gomes, J.B.M.; Menezes, J.M.T. ; Leandro, R.C. 2013. Methodological aspects of on-farm agroforestry experimentation. Anais do IX Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais, outubro de 2013, Ilhéus, Bahia, p. 1-4.
- van Leeuwen, J.; Costa, J.R.; Mota, A.D.; Santos, G.T.; Costa, F.C. 1998. O estudo da terminologia dos agricultores: um meio para chamar a atenção para o seu saber. Em: Ribeiro M.F.S. (coord.), *Anais III Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção*, maio 1998, Florianópolis, SC, CD-ROM: arquivo 34.doc.